

Livro de Poemas

Quinhentismo

Jesus na manjedoura - José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal
pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui
colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de
tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado. Leia mais:
<https://quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

Barroco

Prosopopeia- Bento Teixeira

Cantem Poetas o Poder Romano, submetendo
Nações ao jugo duro; o Mantuano pinte o Rei Troiano,
descendo à confusão do Reino escuro; que eu canto
um Albuquerque soberano, da Fé, da cara Pátria firme
muro, cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira, pode
estancar a Lácia e Grega lira. 2 As Délficas irmãs
chamar não quero, que tal invocação é vão estudo;
aquele chamo só, de quem espero a vida que se espera
em fim de tudo. Ele fará meu Verso tão sincero,
quanto fora sem ele tosco e rudo, que por razão negar
não deve o menos quem deu o mais a míseros
terrenos. 3 E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta
a Estirpe d'Albuquerque's excelente, e cujo eco da
fama corre e salta do Carro Glacial à Zona ardente,
suspendei por agora a mente alta dos casos vários da
Olindesa gente, e vereis vosso irmão e vós supremo no
valor abater Querino e Remo. 4 Vereis um sinil ânimo
arriscado a trances e conflitos temerosos, e seu raro
valor executado em corpos Luteranos vigorosos.
Vereis seu Estandarte derribado aos Católicos pés

vitoriosos, vereis em fim o garbo e alto brio do famoso
Arcadismo
Albuquerque vosso Tio. 5 Mas em qua
Se é doce- Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

Romantismo

Se eu morresse amanhã- Alvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã; Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que amanhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda a natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o doloroso afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

Ultrarromantismo

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As
aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso
céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais
flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida
mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais
prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que
tais não encontro eu cá; Em cismar  sozinho, à
noite  Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem
palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que
eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que disfrute
os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda
aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Simbolismo

Livre-Cruz e Sousa

Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os
grilhões que nos flagelam e livre penetrar nos Dons
que selam a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.
Livre da humana, da terrestre bava dos corações
daninhos que regelam, quando os nossos sentidos se
rebelam contra a Infâmia bifronte que deprava. Livre!
bem livre para andar mais puro, mais junto à
Natureza e mais seguro do seu Amor, de todas as
justiças. Livre! para sentir a Natureza, para gozar, na
universal Grandeza, Fecundas e arcangélicas
preguiças.

Pré Modernismo

Triste regresso - Augusto dos Anjos

Uma vez um poeta, um tresloucado, Apaixonou-se
d'uma virgem bela; Vivia alegre o vate apaixonado,
Louco vivia, enamorado dela. Mas a Pátria chamou-o.
Era o soldado, E tinha que deixar p'ra sempre aquela
Meiga visão, olímpica e singela! E partiu, coração
amargurado. Dos canhões ao ribombo e das
metralhas, Altivo lutador, venceu batalhas, Juncou-
lhe a fronte aurifulgente estrela E voltou, mas a fronte
aureolada, Ao chegar, pendeu triste e desmaiada, No
sepulcro da loura virgem bela.

Modernismo

Meus Oito Anos- Oswald de Andrade

Oh que saudades que eu tenho Da aurora de minha
vida Das horas De minha infância Que os anos não
trazem mais Naquele quintal de terra Da Rua de
Santo Antônio Debaixo da bananeira Sem nenhum
laranjais Eu tinha doces visões Da cocaína da infância
Nos banhos de astro-rei Do quintal de minha ânsia A
cidade progredia Em roda de minha casa Que os anos
não trazem mais Debaixo da bananeira Sem nenhum
laranjais